

# A PRESENÇA DOS TRAÇOS CULTURAIS E DA AFRICANIDADE NOS CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA

## THE PRESENCE OF TRAITS OF THE CLASSICS AFRICANITY BRASILIAN LITERATURE

Ana Paula Cavalcante dos Santos 1  
Jaqueline Barbosa Murta 2

Licenciatura e Bacharelado em Psicologia (UNICEL), graduanda em Pedagogia (IPEBRAS), especialista em Gestalt-Terapia (Clínica Sandra Salomão Psicologia e Saúde), Practitioner em PNL (INAP), Mestre em Psicologia (PUC-Rio), Doutora em Saúde Coletiva (IMS/UERJ). Psicóloga e Professora da Faculdade ITOP. E-mail: anapcantes@gmail.com

Licenciada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira, especialista em Administração e Gestão Escolar pela Faculdade Piaget de Almada-Portugal, Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas pela Universidade Nova de Lisboa-Portugal, Doutora em Psicologia Social pela Universidad Pablo de Olavide - Sevilla-Espanha. Professora da Faculdade Serra do Carmo (FASEC), Professora da Universidade Luterana do Brasil (CEULP-Palmas), professora pesquisadora da CAPES - UAB, pela Universidade do Tocantins (Unitins). E-mail: murta828@hotmail.com

**Resumo:** Ao olharmos para as pessoas que formam o povo brasileiro, ficam bem nítidos os traços africanos ao misturarem-se aos habitantes que aqui encontrara. Essa nova gente deu origem a uma mestiçagem que conferiu a originalidade de traços físicos, linguagem e costumes muito importantes, para o Brasil ser essa nação tão diversificada que é. E hoje, decorridos mais de 500 anos dos primórdios da nossa nação, vemos ser reconhecida e valorizada a que chamamos cultura afro-brasileira. Cultura essa que se fez adormecida dentro da literatura sem uma perspectiva de vir à tona devido aos preconceitos e tabus culturais estigmatizados ao longo da história de nossa nação. Desta forma, a pesquisa intenciona mostrar a presença do negro africano e as africanidades existentes na literatura clássica do Brasil, o que dá uma maior visibilidade da negritude cultural brasileira tendo como suporte os registros literários que fazem parte da nossa história identitária.

**Palavras-chave:** Cultura, Literatura Brasileira, Negro, Africanidades, Identidade.

**Abstract:** When we look at the individuals who form the Brazilian people, it is very clear African traits mingle up the people here found. This new people gave rise to a mixture that has given the originality of physical traits, language and customs very important for Brazil is that such a diverse nation that is. Today, after more than 500 years of our nation's early days, we see to be recognized and valued we call african-Brazilian culture. Culture that it became dormant in the literature without a prospect of up due to cultural prejudices and taboos stigmatized throughout history of our nation. Thus, the research intends to show the presence of black African and existing Africanities in classical literature which gives greater visibility of Brazilian cultural blackness being supported literary records that are part of our identity history.

**Keywords:** Culture, Brazilian Literature, Black, Africanities, Identity

## Introdução

As variadas formas de influência da cultura africana em território brasileiro, desde os primórdios da colonização, são conhecidas hoje em nosso país como cultura afro-brasileira. Tais influências vão de um simples falar, até o modo comportamental, os traços físicos, a gastronomia e o modo de viver de nosso povo. Foi preciso que estudos oriundos de diferentes áreas surgissem hoje, principalmente do meio universitário, para que fossem trazidas muitas discussões sobre as variadas formas de representação e conscientização da afro-brasilidade de nossa nação.

É verdade que as tendências modernistas, com o advento das tecnologias e a utilização da internet, contribuíram para o surgimento da ideia de globalização, em que o efeito dessa massificadora concepção de mundo, constituído em um só, não nos deixa perceber que por detrás de uma ideologia universalizadora concentra-se uma utopia que nos chega com ares sociáveis. Em detrimento a essa realidade, surgem manifestações dos segmentos sociais que se posicionam com a expressão das “diferenças”, e trazem junto algumas afirmações como a etnicidade que corrobora como meio de resgate da origem, do passado e de uma história.

Pensando nesses elementos é que, ao evidenciarmos a cultura aqui encontrada no Brasil, também deveríamos pensar na formalização dessa cultura, em suas diferenças e igualdades quanto características miscigenadas em toda a nação. Sem dúvida esse tema nos reporta à formação da identidade nacional que vemos em uma população constituída, na sua grande maioria, por negros e mestiços produzindo diversas manifestações em diferentes espaços do nosso país e se mostram fortalecidas e constituidoras de nossa identidade.

De norte a sul do Brasil percebe-se as influências marcantes da cultura africana que se fazem presentes em nosso país, originárias das mais variadas partes da África, pois trazidos inicialmente pelos portugueses, numa logística de mão de obra barata e eficiente para as pretensões dos colonizadores, os negros africanos acabaram por fortalecer a colonização e a raça que hoje aqui predomina.

Tão certa é a afirmação de que o Brasil é um país de povo mestiço, quanto é a exclusão dos negros nesta mesma sociedade que se diz mestiça. Esse raciocínio é visível na literatura nacional em praticamente todas as fases, uma vez que nossos autores, em muitos momentos, visualizam a realidade de seu tempo e deixam registrado como forma de manter vivo um passado do qual não podemos esquecer. Tais registros reforçam o resgate das tradições culturais pelo desdobramento das várias personagens que são mostradas e de autores que foram silenciados pelo tradicionalismo universalizado do colonizador e dominador.

Dessa forma, o estudo visa à reflexão sobre o reconhecimento dos traços do povo negro e as africanidades que se fazem presentes na literatura clássica brasileira como forma de visibilizar as influências do povo africano, seus costumes e o registro dessa miscigenação que fizeram parte de um tempo e contexto social que ficaram registrados pela literatura.

## Os aspectos da cultura afro-brasileira

As várias formas de manifestações culturais que aparecem no Brasil e se afirmam como marca cultural brasileira são derivadas do cruzamento de diferentes culturas, e temos como as mais evidentes as africanas, europeias e indígenas. Os processos constitutivos dessas manifestações multiétnicas dão origem a novas tendências com sutis diferenças, formando assim, o que temos hoje de genuinamente brasileiro. A compreensão desse ciclo de transições, interações e socializações de culturas, surge como uma mescla que denota um trânsito recorrente dos fatores de mudança histórico-social que estariam emergindo nas vertentes da religiosidade, na dança, no folclore e na literatura e que fazem parte de todo um patrimônio cultural em nosso país.

Segundo Martins (1997), essa mescla de nacionalidades ilustra com harmonia o direcionamento tomado pelas correntes culturais em questão, pois essa visão “[...] oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam [...] registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados”. (MARTINS citado por FONSECA, 1997, p. 25).

Nessa concepção percebe-se o processo de cruzamentos discursivos, intertextuais e interculturais que se disseminam no âmbito da centralização de culturas que aqui foram trazidas

pelos colonizadores. Assim, a imagem do negro, em nossa cultura, é igual às produzidas em outros lugares desenvolvidos, uma vez que, estigmatizada a mão de obra escrava como “barata”, passa a contribuir muito para a aceleração do crescimento econômico e acúmulo de capital, esse fato marcou profundamente as concepções históricas da população negra que têm a partir da cor da pele a regulamentação de valor, e até hoje faz parte dessa noção as considerações depreciativas ligadas ao negro, a suas crenças, a seu trabalho e à vida dentro da sociedade.

Sabemos que, sendo parte insignificante do povo, o negro foi ignorado por movimentos de feição nativista que fizeram do índio o símbolo da identidade do país durante o período colonial. Essa atitude mostra a ideia de exclusão como pano de fundo para camuflar a questão da escravatura, colocando o negro numa condição marginal e direcionando a sociedade brasileira a uma nova forma social de perceber o negro e excluindo-o, principalmente dos grandes centros urbanos. Da mesma forma, os projetos para a afirmação da identidade nacional não mostravam o formato real da “gente brasileira”, uma vez que a figura da negritude nacional não estava incluída nos planos de identificação racial da nação. Isso é contraditório quando olhamos para as intenções de se construir um projeto de nação livre e independente quando excluíram grande parte da população que era constituída de negros e mestiços (Benjamim, 2005).

A expressão de nação sem identidade recai sobre nós evidenciando os processos de formação da nossa cultura e dos nossos costumes, isso porque está desassociada da identidade histórica africana excluída juntamente com a afro-brasilidade que já imperava. Daí a importância do resgate das histórias de raiz, contadas e registradas até pela oralidade, pois desmitificam as imagens de nação brasileira construídas pelas elites políticas e intelectuais da época da independência referendada apenas pela massa burguesa e seus interesses. Com isso, vemos a importância dos registros literários.

Devemos considerar que em decorrência do modo como a sociedade brasileira conduziu a questão da escravatura, a imagem do negro, mestiços e a negritude brasileira continuam a ser modeladas por preconceitos de diversas formas e segmentos sociais, mesmo depois de impetrada a noção moderna do conceito de diversidades e diferenças mediante o reconhecimento da pluralidade étnica da população brasileira. Muitos dos traços que continuam a legitimar preconceitos existentes na sociedade estão ligados à cor da pele, às feições do rosto, ao tipo de cabelo ou a grupos sociais que definem sua ideologia mediante a postura, ritmos, ritos estigmatizados na cor, assim como há a cor da pobreza que majoritariamente está na negra e mulata, os quais ficaram registrados por nossos autores.

Quando se quer ultrapassar os estereótipos do negro, e transgredir as tipificações negativas impostas, são perceptíveis os meios como são conduzidas as justificativas na busca de qualidades no negro, lançando predicativos como a figura do atleta imponente ou da mulata exuberante sensual, pois configuram o propósito de ilustrar uma identidade e um lugar de integração efetiva para o negro na sociedade que vem delineada de silenciamento e de utopia.

Segundo a professora Maria Nazaré Soares Fonseca (2000), os estudos sobre as relações afro-brasileiras muito têm contribuído para desmistificar o lugar do negro no Brasil e afirma que:

Outros ao intensificarem a reflexão sobre determinadas posturas da sociedade brasileira com relação à população de negros e mestiços, tornam transparentes os verdadeiros lugares ocupados pelos descendentes de escravos, percebendo-os distintos daqueles demarcados pela idealização das relações políticas definidoras de cidadania. Todos esses textos têm ajudado a construir um olhar mais crítico sobre as questões específicas da população negra, tanto na desarticulação de mitos que apaziguam os intensos conflitos existentes na sociedade, quanto na análise de ações que, querendo-se libertadoras, acabam por reiterar posturas conciliatórias e bastante cuidadosas com relação à questão da discriminação racial no Brasil. (FONSECA, 2000, p. 96)

Mesmo assim, a cor da pele quando “achocolatada” pelo mito da harmonia racial, será sempre recorrência para despersonalizar o significado de ser e significar negro em indivíduos

marcados por sinais que desaprovam a sua integração na sociedade, isso porque, essa mesma sociedade, lida mal com a cor que tem como referência. Fonseca (2000: 99) ainda pondera que como podemos ver, “o quadro é paradoxal... mesmo quando utilizada para demonstrar a absorção pacífica dos diferentes, fica evidenciado, quando se faz dos pobres, favelados e negros os agentes da violência, cujos níveis aumentam, a cada dia[...].”

Em meados dos anos de 1970 surge um novo olhar para as questões representativas aos negros. Essa nova perspectiva impetrada por lideranças religiosas e culturais negras, bem como por cientistas sociais, sustentava que o negro foi e é sujeito de sua história e de seu destino e da possibilidade de destinação. Assim, os anos de 1980 marcaram definitivamente as novas formas e os novos planos de expressão cultural-religiosa e artística dos afro-brasileiros, a organização dos movimentos sociais negros foram institucionalizados conferindo às lideranças participação direta nas discussões, elaboração e influência na aprovação de leis que intentam proteger o cidadão contra a discriminação étnica e racial (FONSECA, 2000).

Esses novos estudos indicam a existência enraizada de uma cultura negra, fruto de um processo de sustentação da herança cultural afro-negra, interiorizada na medida em que apresenta expressões importantes em relação às tradicionais casas de religião negra que ora estão espalhadas de norte a sul do Brasil, dando continuidade aos traços identificadores da África de consistente reelaboração, enriquecendo a herança cultural recebida desta juntamente com aporte de outras culturas que ajudam a compor a expressão cultural negra-brasileira, visto na Umbanda, nas reeleituras do Congado, na versificação da Capoeira, nas tradições das Escolas de Samba.

A visibilidade desta nova tendência de estudo, também ganha um novo enfoque na relação entre comunidades, coletividades e processos de formação na individualidade negra ou dos afrodescendentes. O esforço de continuidade, de desdobramento e de constituição de cidadania é o que possibilita a individualização da cultura negra nos campos da Religião, da Dança, do Folclore e da Literatura e de muitas outras tendências, porém essas citadas são as formadoras da consciência nacional da negritude cultural da qual fazemos parte.

Como suporte dessas contribuições teóricas, o Instituto da Cultura Negra (IPNC) no Rio de Janeiro, o Instituto de Pesquisa Afro-brasileiro (IPEAFRO) em São Paulo e a Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB) em Salvador, registraram, através de seminários e encontros, um documento com aportes científicos e políticos para contribuir às mudanças, permitindo a compreensão de quatro pontos essenciais de postura ética e científica em relação ao negro e à cultura afro-brasileira. Segundo o pesquisador Dalmir Francisco (citado por FONSECA, 2000) são eles:

1 – é a constatação de que a cultura e a religião de origem africana no Brasil expressam uma cosmovisão sistemática e estruturada e que dá significado e orienta a vida, a existência e as ações da comunidade afro-brasileira e de seus membros individuais. A manutenção e desdobramentos pelas comunidades terreiros da herança religiosa e cultural permitindo ao negro e ao afro-brasileiro desenvolver uma forma social negro-brasileira... e especificamente política para afirmar-se cidadão na sociedade brasileira, recriando-se como coletividade e individualidade, apesar do racismo, e etnocêntrica com base na identidade cultural (etos), valores éticos e estéticos, mesmo diante das adversidades econômicas e sociais e das limitações políticas e ideológicas;

2 – a constatação da origem plural da tradição religiosa afro-brasileira que resulta em manifestações diversificadas e diferenciadas, com processos de continuidade e de descontinuidade, porém subjacentes a uma unidade em nível cosmogônico e teológico, litúrgico e ritualístico;

3 – e em síntese, o negro, negromestiço, afrodescendente, ou afro-brasileiro é ser tem e sustenta um comum-pertencimento a uma etnia ou uma comunidade, integrante da população nacional-brasileira, guardando-se com esta a semelhança historicamente constituída e que permite aos

grupos de diferente origens étnicas e pertinentes a distintos segmentos sociais, integrarem um espaço geográfico comum, sustentarem uma comunidade linguística, possuírem um certo legado histórico e social comum..." (FRANCISCO citado por FONSECA, 2000, p.142 -143).

Esta fundamentação é de suma importância para a ideologia da miscigenação e da democracia racial, principalmente no que tange ao relacionamento entre negros e brancos, isso para que não possamos esquecer, em meio à morenidade da população, os traços e raízes que nos identificam com tais características. Podemos dizer que essas noções identitárias possibilitam uma orientação direta para o processo de afirmação da nossa cultura, efetivando a história da nação brasileira como constituída de diferenciações e parcerias étnicas reais e naturais, traçando alianças e construindo uma parceria social e diferenciando a brasilidade compreendida na, tão transparente, diversidade cultural do povo brasileiro.

Não podemos esquecer que a matriz africana presente no país é a principal referência cultural e étnica da formação do povo mestiço. A incorporação verdadeira, o respeito e o espaço da cultura africana no Brasil, continuam sendo uma das questões político estruturais do país que ainda merece investigação, estudo, conhecimento e ação para alcançar o direito efetivo e uma participação plena na vida nacional.

### **Traços de negritude e africanidades na literatura clássica brasileira**

Os registros da nossa africanidade que aparecem ao longo dos movimentos literários no Brasil a partir de 1500, não deixa a desejar quando na temática o assunto refere-se à identidade nacional e as várias formas de manifestações identitárias de nosso povo. Sabemos que um dos objetivos do registro literário é resguardar as memórias para justificar as tendências atuais das ações e expressões sociais. De forma peculiar, objetiva e subjetiva, a literatura informa de maneira prazerosa e criativa o lugar, o momento, o objeto e as personagens dentro do espaço imaginário ou real.

Com esse pensamento, a presença das raízes africanas aparecem no início da formação dos primeiros centros urbanos criados no Brasil e que dependiam avidamente da mão de obra escrava. Dessa forma, tais evidências despontavam na literatura conhecida como "colonial" que se faz em terras sob domínio português de uma forma sutil, em que alguns autores contrapõem - neste contexto em versos - a realidade do contexto social e o poder político que caracterizam a sociedade branca. Assim, vemos despontar nos escritos da Escola Barroca versos produzidos por Gregório de Matos Guerra, vulgo "Boca do Inferno" que, em tom denunciativo, abre a sua poética satírica no século XVII e deixa aparecer o registro da indignação com a população negra da época nos fragmentos do poema Epigrama.

Notável desventura  
De um povo néscio e sandeu  
Que não sabe que o perdeu  
Negócio, ambição, usura.

Quem são seus doces objetos?... Pretos.  
Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.  
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,  
Dou ao demo a gente asnal,  
Que estima por cabedal  
Pretos, mestiços, mulatos

(GUERRA, 1957, p. 05)

A forma em que são colocadas as palavras: pretos, mestiços, mulatos demonstra a miscigenação já progressiva de nossa nação e sem dúvida inegável aos aspectos identitários para os quais nossa nação caminhava.

Já pelos anos de 1800 pensava-se em um Brasil independente, a Escola Romântica, ou Romantismo, despontava trazendo o sentimento ufano e patriótico, a sociedade não suportava mais as agruras que o domínio burguês e a escravatura impunham à população já miscegenada no Brasil. Os autores se diversificavam dentro das temáticas sociais da época. Neste contexto surge em 1875 o romance “A Escrava Izaura” de Bernardo Guimarães, escrito em plena campanha abolicionista, o livro nos contagia com as desventuras de Isaura, escrava branca e educada, de caráter nobre, vítima de um senhor devasso. Bernardo Guimarães faz questão de ressaltar o espaço físico em que mostra a moradia dos africanos vindos como serviçais em contraste com o ambiente aristocrático das fazendas:

A casa apresentava a frente às colinas. Entrava-se nela por um lindo alpendre todo enredado de flores trepadeiras, ao qual subia-se por uma escada de cantaria de seis a sete degraus. Os fundos eram ocupados por outros edifícios acessórios, senzalas, pátios, currais e celeiros, por trás dos quais se estendia o jardim, a horta, e um imenso pomar, que ia perder-se na barranca do grande rio[...]" (GUIMARÃES, 2000, p.03)

Logo depois vemos, exaustivamente, a beleza branca e pura de Isaura, que não denunciava a sua condição de escrava porque não portava nenhum traço africano, era educada e nada havia nela que denunciasse a aversão pelo escravo.

Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça... A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. (GUIMARÃES, 2000, p.05)

Nas primeiras páginas do romance, Bernardo Guimaraes faz questão de mostrar o canto representativo da melancolia e do sofrimento, perpetuador das raízes e oralidades dos africanos, porém na voz de uma mulher que não representava a verdadeira população escrava. O que parece uma escolha contraditória, mostrar as agruras da escravidão criando uma escrava branca, porém o que talvez fosse melhor compreendido:

Desd’o berço respirando  
Os ares da escravidão,  
Como semente lançada  
Em terra de maldição,  
A vida passo chorando  
Minha triste condição.

Os meus braços estão presos,  
A ninguém posso abraçar,  
Nem meus lábios, nem meus olhos  
Não podem de amor falar;  
Deu-me Deus um coração  
Somente para penar.

Ao ar livre das campinas  
Seu perfume exala a flor;  
Canta a aura em liberdade  
Do bosque o alado cantor;  
Só para a pobre cativa  
Não há canções, nem amor.

Cala-te, pobre cativa;

Teus queixumes crimes são;  
E uma afronta esse canto,  
Que exprime tua aflição.  
A vida não te pertence,  
Não é teu teu coração.”  
(GUIMARÃES, 2000, p.04)

Outro nome que desponta no período do romantismo, já na terceira fase, é o do poeta Castro Alves. Suas poesias mais conhecidas são marcadas pelo combate à escravidão, motivo pelo qual é conhecido como “Poeta dos Escravos”. Foi o nosso mais inspirado poeta “condoreiro” e teve uma fase de intensa produção literária por duas grandes causas: uma, social e moral, a da abolição da escravatura; outra, a república, aspiração política dos liberais mais exaltados. Em 7 de setembro de 1868 fez a apresentação pública de *Tragédia no mar*, que depois ganharia o nome de “O Navio Negreiro”, com versos que expunha o sofrimento daqueles que vinham do mar para uma vida de escravidão. Foi escrito em São Paulo, quando o poeta tinha vinte e dois anos de idade, e quase vinte anos depois da promulgação da Lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico de escravos, em 4 de setembro de 1850. *O navio negreiro* é composto de seis partes, e alterna métricas variadas para obter o efeito rítmico mais adequado a cada situação retratada no poema, aqui vemos o canto IV:

Era um sonho dantesco... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho.  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...  
Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!  
E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais ...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
Ouvem-se gritos... o chicote estala.  
E voam mais e mais...  
Presa nos elos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia,  
E chora e dança ali!  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro, que martírios embrutece,  
Cantando, geme e ri!...”  
(ALVES, 2000, p. 12 - canto IV)

A fase Naturalista vem marcada pelo surgimento do romance “O Mulato” de Aluísio Azevedo. É o segundo romance do autor, escrito no ano de 1881. Foi responsável pelo início do naturalismo no Brasil. A narrativa denuncia o preconceito racial na sociedade maranhense e a corrupção do clero. Encontra-se atualmente em domínio público, de acordo com as leis autorais do Brasil.

O romance nos fornece uma boa visão do meio maranhense da época. Raimundo, personagem principal é mulato, mas ignora a própria cor e a sua condição de filho de escravo. A atitude de naturalidade de Raimundo, frente à sua condição de filho de escravo, é abalada quando toma ciência de sua negritude, uma prática que vemos até hoje pela falta de conscientização e aceitação de nossa mestiçagem:

Raimundo tornou-se lívido. Manoel prosseguiu, no fim de um silêncio:

– Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos![...] Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses![...] O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas[...] foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora.

– Eu nasci escravo?![...]

– Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo.” (AZEVEDO. 2002, p.23)

Com o apelido de “*Dante Negro*” ou “*Cisne Negro*”, João da Cruz e Sousa foi um dos precursores do simbolismo no Brasil. Filho dos escravos alforriados Guilherme da Cruz, mestre-pedreiro, e Carolina Eva da Conceição, João da Cruz desde pequeno recebeu a tutela e uma educação refinada de seu ex-senhor, o marechal Guilherme Xavier de Sousa - de quem adotou o nome de família, Sousa. Seus poemas são marcados pela musicalidade, uso constante de aliterações, pelo individualismo, pelo sensualismo, pelo desespero, às vezes pelo apaziguamento, além de uma obsessão pela cor branca. Cruz e Sousa militou contra a escravidão e retratou metaforicamente a condição do escravo em sua obra. Exemplo é o poema “*Livre*”.

Livre! Ser livre da matéria escrava,  
arrancar os grilhões que nos flagelam  
e livre penetrar nos Dons que selam  
a alma e lhe emprestam toda a etérea lava.

Livre da humana, da terrestre bava  
dos corações daninhos que regelam,  
quando os nossos sentidos se rebelam  
contra a Infâmia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,  
mais junto à Natureza e mais seguro  
do seu Amor, de todas as justiças.

Livre! para sentir a Natureza,  
para gozar, na universal Grandeza,  
Fecundas e arcangélicas preguiças.  
(SOUZA. 2008, p.529)

O Pré-modernismo apresenta Euclides da Cunha, com “*Os Sertões*” e Valdomiro Silveira com “*Os Caboclos*”, as duas obras têm em comum a comunicação com a brasilidade do povo humilde interiorano e sertanejo que sofriam as desaventuras pós-abolição e tentavam a afirmação como grupo organizado. Euclides da Cunha trata de forma descritiva as agruras vividas por essa gente mestiça, pobre e desamparada; é onde vemos surgir pela primeira vez a expressão “*favela*”, o que mais tarde ganhou um cunho pejorativo constituinte de traços culturais da divisão social brasileira.

Todas traçam, afinal, elíptica curva, fechada ao sul por um morro, o da favela, em torno de larga planura ondeante onde se erigia o arraial de canudos – e daí, para o norte, de novo se dispersam e decaem até acabarem em chapadas altas à borda do São Francisco (CUNHA. 1954, p.19).



Já Valdomiro Silveira eleva a condição do homem sertanejo em sua condição folclórica e ambienta-o na natureza para assegurar-lhe as condições de subsistência que ora não encontra no centro urbano por sua condição de mestiçagem. Assim, tenta revelar o dilema de sermos uma nação mestiça não somente biologicamente, mas também, culturalmente. Com esse pensamento o autor tenta aproximar a cultura vigente da linguagem, produzindo uma escrita inédita para a literatura da época. No fragmento vemos as expressões oriundas da africanidade.

- Arre! tio inácio! vassuncê mandou que nós viesse' às dez horas, nós aqui estemo', e vassuncê nem se mexe!

- Tio inácio, nunca pensei que mecê inda não tivesse acordado!

Ele desculpava-se. Bem sabiam que um homem de certa idade não é tão despachado como as moças fortes e bonitas assim. Tivessem um bocado de paciência (...). (SILVEIRA, 1962, p. 34-35).

Com as correntes de pensamentos que norteiam as ideias da modernidade para um resgate totalmente original de nossas raízes, de nossa cultura e da aplicação literária, a Semana da Arte Moderna em 1922, avança com uma forte tendência ao resgate da nossa potencialidade cultural, surgida a partir da diversidade e tendências que hora se faziam presentes, porém não haviam sido, ainda, colocadas em cheque. E em meio às manifestações de brasileirismos e antropofagias, nossos autores modernistas propoem uma nova roupagem para a literatura brasileira e para tanto, precisam mostrar nossa brasilidade de forma consistente e literal. Esse pensamento é concretizado pelas mãos de Mário de Andrade, quando nos lança o desafio de compreender e deglutir “Macunaíma” que levou a alcunha de “O herói sem nenhum caráter”. A obra tem um aspecto nacionalista, mas aponta também para os “defeitos” do país. Consegue seguir a tendência literária mundial, mas imprime um tom nacional e originário mostrando a miscigenação do povo brasileiro, pois Macunaíma nasce negro, no meio da mata e vai para a cidade grande nutrir-se de estrangeirismos.

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. (ANDRADE, 2013, p.03)

A personagem “Macunaíma” serve como alegoria para sintetizar o caráter brasileiro. Desta forma, podemos reconhecer na obra uma crítica e uma reflexão sobre o que seria o povo brasileiro: sem um caráter definido, vivendo em um país grande como o corpo de Macunaíma, mas imaturo, característica que é simbolizada pela cabeça pequena do herói. Os modernistas se empenharam na inovação literária e na desmistificação de nossos verdadeiros traços culturais. A raça negra, aqui, é vinculada à mistura de conceitos e ideologias que fazem a nação brasileira ter as características que sempre teve e sempre terá. Segundo Hall: “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2006, p.59).

### **Considerações Finais**

Apesar da grande valorização dos novos conceitos contemporâneos em relação às diversidades e diferenças, a sociedade brasileira foi e é marcada por fortes desigualdades econômicas e sociais. Não podemos negar que a escravidão e o racismo desenvolveram-se simultaneamente, embora alguns autores contestem essa vertente, explicando ou ignorando o poder resultante da classe privilegiada retratada na textura branca da cor da pele.

Pele negra é sinônimo de intolerância, de ocultação da brasilidade, de prerrogativas e predicativos pejorativos adotados como estereótipos do humor negro. Embora esteja clara a

influência da cultura africana em nossa identidade, os obstáculos morais que nos foram transferidos na não aceitação de nossa afro-brasilidade impossibilitam o perfeito funcionamento da vida em coletividade, no país que se diz livre e diversificado. Como vimos no decorrer da pesquisa, não temos como camuflar uma cultura que nasceu da mistura e foi ganhando autenticidade com o passar dos tempos. A preocupação dos estigmas é quando vemos ser colocada uma ideologia representativa da cor, reforçando a ideia do estereótipo que pode levar o sujeito negro a repudiar sua própria condição e, por extensão, seu corpo, sua comunidade e seu lugar.

Os variados estudos que surgem explorando o tema da negritude e brasilidade, por vezes, tornam-se repetitivos, as críticas conceituais e as narrativas correm o risco de transformarem-se em questões particulares e não coletivas, isso pelo fato da insignificância como é tratada essa temática por muitas pessoas. Tomando consciência disso e conhecendo melhor a história das sociedades africanas, os brasileiros e afro-brasileiros começam, pouco a pouco, a valorizar seus traços distintivos, suas culturas ancestrais, sua contribuição à formação da sociedade brasileira, mudando sua posição da vontade de se tornar igual ao branco para uma valorização de suas tradições, estéticas, sensibilidades e aparências.

Sabemos que a construção do sentimento de nacionalidade e de comunidade é fundamental para a consolidação de uma identidade nacional. A formação da ideia de uma nação ocorre através do compartilhamento de sentidos, de narrativas produzidas pelas culturas nacionais. Como uma nação que se desenvolveu no novo mundo, o Brasil tem seu ritmo diferenciado, suas crenças, ritos e folclores que se comunicam, firmando um todo coerente e coeso. A pesquisa aponta pelos escritos, narrados ou poéticos, que as palavras são um importante mecanismo de continuidade e registro desse crescimento e evolução da cultura. Dessa forma, a literatura aparece como ponto fundamental de reconhecimento das ações passadas para justificar e entender o presente.

## Referências

- ALVES, Castro. **O Navio Negreiro e Poemas Abolicionistas**. Saraiva. São Paulo, 2000.
- ANDRADE, Mário. **Macunaíma**. Editora Nova Fronteira. São Paulo, 2013.
- AZEVEDO, Aluisio. **O Mulato**. L & PM Editores, Porto Alegre, 2002.
- BENJAMIM, Roberto. **A África está em nós. História e Cultura Afro-Brasileiro**. 2º volume. Grafset. João Pessoa, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. Saraiva. São Paulo, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Editora Nacional. São Paulo, 1985.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 23. ed., Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1954.
- FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Brasil afro- brasileiro**. Autentica. Belo Horizonte. 2000.
- GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia da Literatura**. Mandacaru. São Paulo, 1989.
- GUERRA, Gregório de Matos. **Antologia de Humorismo e Sátira**. organizada por R.Magalhães Júnior, Editora Civilização Brasileira - Rio de Janeiro, 1957.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. Saraiva. São Paulo, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A: Rio de Janeiro, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação, Africanidades, Brasil**. UNB. Brasília, 2006.

RALLO, Carmen Lara. **Las Voces Y Los Ecos: Perspectiva sobre La Intertextualidad**. Campus de Teatinos. Universidad de Málaga. Edición Analecta Malaciana, Málaga, España, 2007.

REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários**. 2. edição. Edições Almedina S.A. Coimbra, Portugal, 2008.

SILVA, Alberto da Costa. **A Manilha e o libambo**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2002.

SILVEIRA, Valdomiro. **Os Caboclos**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

SOUZA, Cruz e. **Obra Completa: poesia**. Organização e Estudo Lauro Junkes. Volume I. Jaraguá do Sul – Santa Catarina, 2008.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. Ática. São Paulo, 2008.

Recebido em 4 de março de 2018.

Aceito em 5 de março de 2018.